



Cara y cruz: a Conferência Tricontinental sob os olhares do semanário *Marcha*

*Cara y cruz: the Tricontinental Conference through the lenses of semanario *Marcha**

Lídia Maria de Abreu Generoso

Mestranda em História

Universidade Federal de Ouro Preto (Ouro Preto – MG)

lidigeneroso@gmail.com

Recebido em: 15/08/2017

Aprovado em: 12/09/2017

RESUMO: O presente artigo estuda a Conferência Tricontinental à partir da cobertura deste evento publicada no semanário uruguaio *Marcha*. Traçamos os ecos e recepções da Conferência, com especial atenção para as reações e polêmicas suscitadas entre as esquerdas uruguaias e latino-americanas. O semanário surge aqui como espaço privilegiado para este estudo em função do vasto e diverso perfil de seus colaboradores. Entre reportagens, artigos, *encuestas*, editoriais e cartas dos leitores, a Conferência de Havana suscitou debates acalorados acerca das possibilidades da revolução em África, Ásia, e mais especialmente nesse caso, América Latina. O semanário não se furtou à publicação de seus críticos, que apontaram limitações, contradições e ausências da reunião; tampouco às de seus defensores que, avidamente, ressaltaram sucessos e importância material e simbólica da conferência. A cobertura acerca da Conferência colocou em questão, ainda, as solidariedades, desavenças e fidelidades entre múltiplos setores das esquerdas e a Revolução Cubana, deixando claro o papel central que a ilha assume nos debates sobre revolução e anti-imperialismo ao longo das décadas de sessenta e setenta do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: Conferência Tricontinental, Revolução Cubana, semanário *Marcha*.

ABSTRACT: This article studies the Tricontinental Conference through the lenses of its coverage published on the Uruguayan weekly *Marcha*. We trace the echoes and receptions of the Conference, paying special attention to the reactions and controversies it raised among the Uruguayan and Latin American lefts. The weekly publication appears here as a fruitful space for this study to develop, due to the vast and diverse profile of its collaborators. Among news reports, articles, *encuestas*, editorials and readers' letters, the Conference held in Havana raised heated debates over the possibilities of the revolution in Africa, Asia, and more especially, in this case, Latin America. The weekly publication did not avoid the publication of the Conference's critics, who pointed out its limitations, contradictions and absences. Its defenders also found space in its pages, avidly reiterating the Conference's successes and its material and symbolic importance. The coverage on the Tricontinental also mobilized the solidarities, allegiances and impasses between many sectors of the left and the Cuban Revolution, placing the island at the center stage of the debates over revolution and anti-imperialism through the 20th century's sixties and seventies.

KEY-WORDS: Tricontinental Conference, Cuban Revolution, *Marcha*.



O povo colonizado não está sozinho. A despeito dos esforços do colonialismo, suas fronteiras são permeáveis às notícias, aos ecos.¹

Havana, 1966

A Conferência Tricontinental de Havana foi um marco importante na história das esquerdas dos três continentes, na medida em que congregou, de maneira pioneira em seu formato e abrangência, movimentos revolucionários e de libertação nacional de África, Ásia e América Latina. Um total de 82 delegações compareceram à conferência, representando governos asiáticos e africanos que recentemente haviam alcançado sua independência política, movimentos de libertação nacional africanos e asiáticos, bem como movimentos guerrilheiros e partidos de esquerda latino-americanos, intelectuais, jovens e diversos órgãos da imprensa mundial, que deram ampla cobertura ao evento. A Conferência, conduzida no icônico *Hotel Havana Libre*, estrutura de 25 andares que pertencera à rede Hilton antes do triunfo da Revolução Cubana, é associada por Roger Faligot² a uma torre de Babel. Para além de 82 nacionalidades quantificadas, convergiram ali uma profusão de línguas, ideias, cores, vestimentas, experiências, trajetórias. Tentar narrá-la nestas páginas esbarra nos limites daquilo que o trabalho disciplinarmente atribuído aos historiadores não permitiria explorar em demasia. Entre os limites do que se pode conhecer e a vontade de saber, continuamos.

Entre as pesquisas acerca da Conferência, destacam-se os trabalhos de Robert J. C. Young³, Anne Garland Mahler⁴ e Said Boumama⁵. Em *Postcolonialism: an historical introduction*, Robert J. C. Young afirma que o termo *tricontinentalismo*, cunhado por ele para definir a orientação política da Conferência, “sugere uma cultura alternativa, uma epistemologia ou sistema de conhecimento alternativo”⁶. O autor

¹ FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005. p. 88.

² Roger Faligot aborda os antecedentes da Conferência e seu decurso, dando especial atenção às atividades do Comitê Internacional Preparatório e às discussões que ganharam destaque durante a reunião. FALIGOT, Roger. **Tricontinentale**. Quand Che Guevara, Ben Barka, Cabral, Castro et Hô Chi Minh préparaient la révolution mondiale (1964-1968). Paris: Editions La Découverte, 2013. 631p.

³ YOUNG, Robert J. C. **Postcolonialism: an historical introduction**. Oxford: Blackwell Publishing, 2001; YOUNG, Robert J. C. **Postcolonialism: a very short introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2003 (Kindle Edition).

⁴ MAHLER, Anne. **Beyond the Color Curtain: Empire and Resistance from the Tricontinental to the Global South**. Tese de Doutorado, Emory University, 2013. 195p.

⁵ Said Boumama aborda a Conferência e seus desdobramentos, incluindo capítulo acerca da atuação do organismo internacional criado ali, a Organização de Solidariedade dos povos de África, Ásia e América Latina (OSPAAAL). Cf: BOUAMAMA, Said. **La Tricontinentale**. Les peuples du Tiers-Monde à l'assault du ciel. Genebra e Paris: Éditions du CETIM e Syllepse, 2016, 192p.

⁶ Todas as traduções publicadas neste artigo, das fontes ou da bibliografia utilizada - do inglês, do francês e do espanhol para o português - são de responsabilidade integral da autora. YOUNG. **Postcolonialism**, 2003, posição 528 (Kindle).



busca ressaltar os laços incontornáveis que conectam as lutas anticoloniais e anti-imperialistas daquele período ao que posteriormente se conformaria como uma forma de crítica pós-colonial às epistemologias ocidentais. Na medida em que congregou pela primeira vez posicionamentos provenientes dos três continentes, fortemente opostos à colonização, ao imperialismo e, principalmente, aos seus impactos na política e na cultura, a Conferência Tricontinental é apontada pelo autor como uma espécie de mito fundacional do pós-colonialismo/tricontinentalismo. Segundo Anne Garland Mahler, por sua vez, a “globalização capitalista contemporânea cria um imenso potencial para solidariedade entre movimentos políticos [e sociais] de base [grassroots]”⁷. A autora argumenta que o conceito de resistência subalterna global, encapsulado pelos acadêmicos no termo *Sul Global*, deve ser vinculado ao legado da Conferência Tricontinental de Havana.

Em geral, há uma tendência de que os trabalhos acerca da Conferência Tricontinental e de seus desdobramentos – aqui incluímos a então fundada Organização de Solidariedade dos Povos de África, Ásia e América Latina (OSPAAAL), a revista *Tricontinental*, os cartazes produzidos pela organização, entre outros – tenham como horizonte uma preocupação explícita com as formas de internacionalização da resistência no presente. Nas palavras de Said Bouamama, “[a] memória das lutas passadas é uma arma dos dominados e os esquecimento delas é uma arma dos dominantes”⁸. Para esse autor, as esperanças trazidas à Conferência Tricontinental, ainda que desgastadas, continuam na ordem do dia. Afinal, se as mudanças de contexto não significaram o fim da dominação, da exploração ou do imperialismo, mas uma rearticulação de seus meios de atuação, então uma “reapropriação das lutas das gerações anteriores”⁹ pode nos oferecer caminhos e reflexões importantes, bem como inspiração e fortalecimento.

Na esteira do trabalho de Claudia Gilman, buscamos aqui pensar os sessenta/setenta como uma época marcada pela certeza de que o mundo estava prestes a mudar, de que os povos de África, Ásia e América Latina (o então chamado Terceiro Mundo) eram o sujeito histórico desta revolução e de que o “carro furioso da história”¹⁰ atropelaria aqueles que se colocassem no caminho daquela transformação. Cravada no início do ano de 1966, a Conferência encapsula, em seus doze dias de

⁷ MAHLER, *Beyond the Color Curtain*, p. 4.

⁸ BOUAMAMA. *La Tricontinentale*, p. 187.

⁹ BOUAMAMA. *La Tricontinentale*, p. 188.

¹⁰ GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil: debates y dilemas del escritor revolucionario en America Latina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003. p.37.



atividades, as consignas e expectativas que marcaram aquela longa década dos *sessenta/setenta*. As polêmicas em torno de sua realização, que percorrem desde a seleção das delegações atinentes às resoluções ali aprovadas, trazem à tona não só as certezas do período, mas também os impasses e contradições que marcaram essa época. Ir além da apresentação das certezas, e explorar os dilemas e suas resoluções, é um pouco do que buscaremos fazer aqui.

A perplexidade perante a abrangência e o significado da Conferência não é um traço que marca apenas as leituras acadêmicas conduzidas no presente, mas é algo que marca a experiência de seus próprios contemporâneos e participantes. Nas palavras de um documento oficial do governo estadunidense, Havana sediou o que foi “provavelmente, o mais poderoso encontro de forças pró-comunistas, anti-americanas na história do hemisfério ocidental”¹¹. Em seu discurso de abertura das atividades da Conferência, o presidente de Cuba, Osvaldo Dorticós Torrado, já indagava

O que justifica uma reunião de representantes dos povos dos três continentes? O que une os milhões de homens e mulheres de África, Ásia e América Latina? Quais são os objetivos comuns capazes de propiciar uma reunião como esta? Idiomas distintos, peculiaridades nacionais diversas, raças diferentes, tradições múltiplas e graus variados de desenvolvimento econômico e cultural não constituem obstáculos para essa reunião, nem para a unidade de propósitos que a convoca. É, simplesmente, que independentemente dos caminhos estratégicos ou táticos que cabe a cada povo escolher, todos os que estão aqui têm profundamente comprometida sua história, seu presente e seu futuro.¹²

A Conferência Tricontinental demarcou-se como um movimento anticolonial e anti-imperialista, aspecto que compartilhou com a Conferência de Bandung (1955)¹³ e com outras reuniões internacionais realizadas no período¹⁴. Entretanto, foi além destes, na medida em que elaborou uma interpretação bastante complexa acerca da História Global, identificando colonialismo, imperialismo e neocolonialismo como formas interconectadas de exercício da dominação. Ademais, posicionou-se

¹¹ US GOVERNMENT, Introduction. In: **The Tricontinental Conference of African, Asian and Latin American Peoples: a staff study**. 1966. Disponível em: <<http://www.latinamericanstudies.org/tricontinental.htm>>. Acesso em: 05 mai. 2017.

¹² Discurso de abertura pronunciado pelo presidente de Cuba, Osvaldo Dorticós Torrado. Arquivo Histórico Digital da OSPAAAL. Não está disponível on-line. Acessado em Havana, Cuba, em junho de 2017.

¹³ O volume de trabalhos publicados acerca da Conferência de Bandung é imenso, e não cabe aqui nos alongarmos demasiadamente em sua análise. Cf. LEE, Christopher (ed.). **Making a World After Empire: The Bandung Moment and Its Political Afterlives**. Athens: Ohio University Press, 2010. 400p.

¹⁴ Albert Paul-Lentin (1977) e Robert J. C. Young (2005) abordam o caminho percorrido desde a Conferência de Bandung à Conferência de Havana; da postulação da equidistância à adoção de posições mais duras e ousadas na crítica anti-imperialista. Cf. LENTIN, A. P. De Bandung à Havana (1967). In: SANTIAGO, Theo. **Descolonização**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977. p.37-60. (Republicado e traduzido de *La lutte Tricontinentale* (1966), publicado pela François Maspero); YOUNG, Robert J. C.. Postcolonialism: from Bandung to the Tricontinental. **Historein**, Athens, v. 5, p. 11-21, 2005.



enquanto crítica do capitalismo e defensora da via armada e da “revolução” como métodos primordiais para a transformação do mundo. Nesse sentido, a Tricontinental é herdeira simbólica dos esforços de Bandung e dos Não-Alinhados¹⁵ por uma maior solidariedade entre os continentes do sul, mas distingue-se deles especialmente em seu caráter combativo, sua crítica ferrenha ao imperialismo estadunidense, sua defesa da via revolucionária e seu formato.

A Conferência Tricontinental estendeu à América Latina uma estrutura análoga à adotada pela Organização de Solidariedade Afro-Asiática (OSPAA)¹⁶. De maneira inovadora, esta organização e seus encontros contavam com a presença concomitante de governos estabelecidos – algo já tradicional perante às relações internacionais – e movimentos de libertação nacional, partidos à esquerda, entre outras formas de representação dos “*povos*”. Incorporava, portanto, grupos que ainda lutavam por sua independência e grupos que não alcançaram os governos de suas nações, subvertendo a forma tradicional das Relações Internacionais, espaço de atuação reservado aos Estados Nacionais. Estender o formato da OSPAA à América Latina, por sua vez, provou-se um desafio à parte. Quem representa os *povos* latino-americanos? A cobertura publicada em *Marcha* deixa claro o quão complexa é a resposta a essa pergunta, permeada por disputas teóricas e práticas, travadas nacional e internacionalmente.

Em entrevista acerca da preparação da Conferência, o presidente de seu Comitê Internacional Preparatório (CIP), o marroquino Mehdi Ben Barka, afirma que o principal mérito da Conferência Tricontinental era fazer convergir “as duas grandes correntes contemporâneas da revolução mundial”¹⁷, respectivamente libertação nacional e socialismo. O presidente do Comitê Internacional Preparatório não se furta a fazer elogios à Revolução Cubana, ao afirmar que esta é a “concretização

¹⁵ A Conferência de Bandung aconteceu em 14 de Abril de 1955 e reuniu líderes políticos dos países recém-independentes da África e da Ásia que reivindicavam o direito de viverem livres de controle e intervenções estadunidenses ou soviéticas, defendendo por isso uma estratégia de não-alinhamento e equidistância. As principais lideranças da Conferência foram Ahmed Sukarno, da Indonésia, Jawaharlal Nehru, da Índia, Gamal Abdel Nasser, do Egito e Kwame Nkrumah, da Costa do Ouro (atual Gana). Para um panorama dos espaços de diálogo internacional entre o “Terceiro Mundo” no período, conferir VIGEVANI, Tullo. **Terceiro Mundo: conceito e história**. São Paulo: Editora Ática, 1990. 100p.

¹⁶ Se os trabalhos acerca da Tricontinental e da OSPAAAL são escassos, ainda mais limitado é o número de trabalhos produzidos acerca da OSPAA. Até onde sabemos, a Organização ainda não foi objeto de um estudo sistemático e específico, ainda que seja mencionada na maioria dos trabalhos que estudaram a OSPAAAL, como parte de seus antecedentes e, como veremos em seguida, parte dos dilemas enfrentados pela Conferência. Acerca da atuação da OSPAA no âmbito cultural, conferir YOON, Duncan Mceachern. **The Global South and Cultural Struggles: On the Afro-Asian People’s Solidarity Organization**. 2012. Disponível em: <<http://blogs.cornell.edu/globalsouthproject/files/2012/09/Yoon-1317jzt.pdf>>. Acessado em: 10 de fevereiro de 2017.

¹⁷ BEN BARKA, Mehdi. El portador del mensaje. **Tricontinental**, n. 1, jul-ago, 1967. Havana. p. 87.



das duas correntes”¹⁸. A busca pela equidistância, que fora tão cara aos representantes de Bandung onze anos antes, havia sido substituída pela unidade contra um imperialismo que, como apontam as resoluções da Conferência de Havana, tem nome: *yankee*. Em seguida, Ben Barka elenca os critérios que foram adotados durante o processo de seleção das delegações.

Realizamos uma divisão de trabalho: a Organização Afroasiática [OSPAA] estabelece e estuda a lista para as organizações de Ásia e de África. Os companheiros latino-americanos, membros do Comitê Internacional Preparatório [CIP], estabelecem a lista para as organizações do continente latino-americano. [...]

O primeiro princípio: que haverá uma delegação por país. Quando o partido for a força fundamental do país, como por exemplo Cuba, Venezuela, e quando haja uma frente organizada, será, pois esta frente [ou partido] que será convidada [...], naturalmente, existe uma situação delicada em países onde existem várias organizações anti-imperialistas, então o Comitê Preparatório convida essas organizações a constituir um Comitê Nacional para a Conferência dos três continentes; [...]

Existem três critérios que foram decididos no Cairo, por proposição feita pelos companheiros da América Latina. A saber: estas organizações devem ser representativas, quer dizer, ter uma *base popular*; segundo, ser *anti-imperialistas* e; terceiro, aceitar trabalhar pela *unidade* contra o imperialismo na Conferência. [Grifo nosso]¹⁹

Enfim, a Conferência Tricontinental congregou um Terceiro Mundo em busca de independência política e econômica, cujo eixo político e ideológico deslocava-se à esquerda. A conferência dos três continentes contou com delegações chinesa e soviética, e foi forçada a lidar com os crescentes embates teóricos (e também práticos) que haviam culminado no cisma sino-soviético anos antes, aspecto que fica extremamente claro na cobertura do evento publicada pelo semanário *Marcha*. Seu estudo à contrapelo esbarra, necessariamente, nas vicissitudes que marcam as histórias das esquerdas, *no plural*. Ao fim desta reunião de proporções surpreendentes, aprovaram-se algumas dezenas de declarações temáticas, e declarações gerais que, além de condenar o imperialismo *yankee*, previam a criação de mecanismos para a coordenação e unificação dos esforços ali reunidos, dentre os quais o mais importante foi certamente a fundação da Organização de Solidariedade dos Povos de África, Ásia e América Latina (OSPAAAL).

¹⁸ _____ . El portador del mensaje, p. 87.

¹⁹ _____ . El portador del mensaje, p. 88-89.



La cara y la cruz: a cobertura da Conferência Tricontinental nas páginas do semanário Marcha

O objetivo do presente artigo é oferecer análises e reflexões que permitam ampliar as compreensões acerca da Conferência. As edições selecionadas do semanário uruguaio *Marcha* se constituem como espaço privilegiado para a condução deste estudo, em função da sua pluralidade e da ampla circulação de intelectuais uruguaio e latino-americanos em suas páginas. Por esse motivo, a cobertura oferecida pelo semanário foi permeada de posições polêmicas, réplicas e trélicas, conformando uma multiplicidade bastante interessante de interpretações, críticas e defesas. O compromisso do semanário com essa pluralidade foi abertamente expresso por uma nota do corpo editorial, na qual se afirma que

Ao vincular tantas e tão diversas opiniões, *MARCHA* quis oferecer aos leitores, com a maior amplitude, como sempre procura fazê-lo, todos os elementos possíveis para formar juízo. [...] Liberdade de opinião, que muito nos esforçamos para garantir, não é ecletismo.²⁰

O compromisso do semanário com a vinculação de opiniões “tantas” e “tão diversas” coincide com as leituras elaboradas sobre ele pela historiografia. Mabel Moraña define a publicação como um “produto plural”²¹, marcado por “afinidades e acordos tácitos, [...] alianças estratégicas que não eliminam as discrepâncias nem aspiram a um consenso artificial”²²; em sua postura com relação à Revolução Cubana, por sua vez, *Marcha* teria sido uma “interlocutora tenaz e rigorosa”²³. Segundo Claudia Gilman, parte da pluralidade de *Marcha* durante o período abordado aqui deve-se à possibilidade de “ler-se ao menos um duplo olhar ou imagem da sociedade”²⁴ e do anti-imperialismo: um olhar mais intimamente ligado ao ideal democrático defendido por seu fundador Carlos Quijano; e um segundo olhar que passa a reconhecer, cada vez mais, a necessidade da violência. Esse segundo olhar é atribuído pela autora às novas gerações de repórteres²⁵ incorporados ao seu *staff* durante os

²⁰ *Marcha y la Conferencia*. **Marcha**, Montevideo, ano XXVII, n. 1293, 18 de fevereiro de 1966, p. 18.

²¹ MORAÑA, Mabel. Introdução. In: MACHIN, Horacio; MORAÑA, Mabel (eds.). **Marcha y América Latina**. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana / Universidad de Pittsburgh, 2003. p.11.

²² _____. Introdução, p.11.

²³ _____. Introdução, p.12.

²⁴ GILMAN, Claudia. Batallas de la pluma y la palabra. MACHIN, Horacio; MORAÑA, Mabel (eds.). **Marcha y América Latina**. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana / Universidad de Pittsburgh, 2003. p.279.

²⁵ Entre estes recém-incorporados repórteres a autora cita Carlos Núñez e Maria Esther Gillio, uruguaio que posteriormente se tornariam colaboradores importantes da revista *Tricontinental*, fundada pela Conferência e publicada a partir de 1967.



anos sessenta, que adotam uma postura crescentemente ligada aos movimentos de libertação nacional.²⁶

Em suas páginas, o semanário congregou sessões voltadas a reportagens e ensaios políticos e sessões ligadas à crítica cultural e literária. O historiador Mateus Fávaro Reis, por sua vez, convida as pesquisas sobre o semanário a irem além de uma leitura dicotômica entre as páginas de cultura e as páginas de política (como defendeu um de seus editores, Emir Rodríguez Monegal), e insiste que os historiadores devem atentar para as “tensões e articulações entre as páginas vistas como culturais e políticas no semanário”²⁷.

No período entre 31 de dezembro de 1965 e 24 de maio de 1966, *Marcha* publicou mais de 50 textos diretamente relacionados à Conferência de Havana. Artigos, editoriais, reportagens, ensaios, e um grande volume de cartas dos leitores permearam suas páginas, com contribuições advindas de diversos cantos da América Latina. Entre as discussões conduzidas ali, ganham destaque o processo de formação das delegações latino-americanas – com especial atenção ao caso uruguaio, por motivos óbvios –; o cisma sino-soviético e seu impacto decisivo no tom das discussões da reunião; a Revolução Cubana e seu crescente protagonismo sobre este cenário internacional; e o conflito árabe-israelense, expresso na Conferência por meio da recusa a convidar uma delegação israelense e da aprovação de resoluções que, de maneira bastante explícita, tomam o partido dos povos árabes.

Às vésperas da reunião, Carlos Nuñez inicia desde a ilha uma série de reportagens acerca da Conferência com algumas impressões iniciais. Principal correspondente de *Marcha* a assistir a Conferência, o autor escreveu uma série de reportagens²⁸ sobre o evento, além de ter conduzido uma importante *encuesta*²⁹ entre os intelectuais atendentes. Entre as previsões às quais se arrisca estão os principais pontos de divergência que se expressariam ali: o cisma sino-soviético, os embates entre a

²⁶ GILMAN. *Batallas de la pluma y la palabra*, p.279.

²⁷ REIS, Mateus Fávaro. *Políticas da leitura, leituras da política: uma história comparada sobre os debates político-culturais em Marcha e Ercilla (Uruguai e Chile, 1932-1974)*. Tese de doutorado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2012. p. 18.

²⁸ NUÑEZ, Carlos. El Tercer Mundo en la Habana. *Marcha*, ano XXVI, n. 1287, 31 de dezembro de 1965, p.8; NUÑEZ, Carlos. Bien está lo que bien acaba. *Marcha*, ano XXVII, n. 1288, 14 de janeiro de 1966, p.18-19; NUÑEZ, Carlos. Cuba a nível de potencia. *Marcha*, ano XXVII, n. 1289, 21 de janeiro de 1966, p. 15; NUÑEZ, Carlos. Y ahora, en que campo está Cuba? *Marcha*, ano XXVII, n. 1293, 18 de fevereiro de 1966, p.18.

²⁹ A encuesta começou a ser publicada em 4 de fevereiro, e estendeu-se por outras quatro edições do semanário. NUÑEZ, Carlos. Encuesta: El papel de los intelectuales en la liberación nacional. *Marcha*, ano XXVII, n. 1291, 4 de fevereiro de 1966, p. 20.



linha pacifista e linha armada e os embates entre marxistas e não-marxistas.

O processo de formação das delegações latino-americanas, como indicamos na sessão anterior, foi coordenado pelo Comitê Internacional Preparatório segundo os seguintes critérios: base popular significativa, posição anti-imperialista e disposição a trabalhar pela unidade. No caso do Uruguai, a organização formalmente convidada pelo CIP foi a *Frente Izquierda de Liberación* (identificada pelo peculiar acrônimo FIdEL), organização ligada ao Partido Comunista uruguaio e criada com o objetivo de constituir uma plataforma de esquerda unificada para disputar as eleições de 1962³⁰. O convite suscitou uma série de debates acalorados, como veremos à seguir.

Também inaugurando a cobertura da Conferência publicada no semanário *Marcha*, Sarandy Cabrera escreveu um artigo intitulado “Cara y Cruz de la Conferência de Cuba”³¹, no qual critica duramente a FIdEL, o processo de seleção da delegação uruguaia e a própria Conferência. Para Sarandy Cabrera³², falta à Tricontinental o “espírito de Bandung” e os esforços para fazer uma conferência que preze pela inclusão, pelo consenso e pela unanimidade. A Conferência Tricontinental acontecia em um momento inoportuno, logo após a OSPAA ter tido dificuldades [que Sarandy Cabrera não explora] com a realização de sua reunião de 1965.

Segundo o autor, isso não se deve ao acaso, mas é a uma ação proposital; Cabrera dá a entender que a conferência de Havana é uma tentativa soviética de subverter e diluir a OSPAA neste momento de fragilidade, substituindo-a por uma organização menos permeável à influência chinesa. O autor alega, ainda, que entre as delegações latino-americanas convidadas há um predomínio de partidos ligados à linha de Moscou, já que os PCs teriam sido tomados como ponto de referência. Após contatados, estes se tornaram os responsáveis pela divulgação da conferência, a criação de Comitês Nacionais, seleção dos membros da delegação, ou formação de “frentes”. Pior ainda, no caso uruguaio, segundo o autor, a FIdEL (e extensivamente, o Partido Comunista Uruguaio) não haviam desempenhado trabalhos de divulgação e propaganda da Conferência. “Há quem pensa que se trata de uma omissão cuidadosamente preparada”³³, afirma.

³⁰ FERREIRA, André Lopes. A unificação das esquerdas no Uruguai e a via chilena ao socialismo: a importância da unidade popular no processo de criação da frente ampla. **Perseu: História, Memória e Política**. São Paulo, nº 9, Ano 7, 2013, p.94.

³¹ CABRERA, Sarandy. Cara y Cruz de la Conferencia de Cuba. **Marcha**, ano XXVI, n. 1287, 31 de dezembro de 1965, p. 14.

³² Sarandy Cabrera foi um escritor e jornalista uruguaio que atuou como colaborador ativo do semanário *Marcha*.

³³ _____. **Cara y Cruz de la Conferencia de Cuba**. p. 14.



Ainda segundo Sarandy Cabrera, a FIdEL não pode ser o único a representar a esquerda anti-imperialista uruguaia. A frente uruguaia, acusa ele, teria sido selecionado como representante pelo próprio Fidel Castro, de maneira "divisionista" e "sectária". A organização não é representativa de todos os grupos anti-imperialistas uruguaiois e exclui mais que inclui, na sua opinião. Enfim, Sarandy Cabrera advoga que a delegação uruguaia deveria ter sido composta pela *Mesa por la Unidad del Pueblo*, espaço de debate recém-criado e que buscava congregiar uma maior gama de representantes da esquerda uruguaia.

O autor chega a criticar até mesmo a presença da União Soviética na reunião, e afirma temer que a “coexistência pacífica” ganhe espaço entre as delegações da Conferência, cujo objetivo deve ser a luta anti-imperialista. As críticas de Sarandy Cabrera ganham ainda mais sentido quando acompanhadas de sua biografia. Segundo Pablo Rocca, o renomado escritor e jornalista uruguaio, “a partir de 1967 [...] ia e vinha da China, onde permaneceu entre 1963 e 1965”³⁴. Tal aspecto de sua biografia permite situá-lo em relação aos debates do período, já que suas críticas giraram em torno de pontos similares aos suscitados – exaustivamente – pela delegação chinesa presente na Conferência Tricontinental. Em vias de conclusão, afirma de maneira pessimista que

Todos esses problemas mal resolvidos ou não resolvidos terão sua repercussão na Tricontinental [...]. Quem se põe de costas para as forças anti-imperialistas do mundo e cria os "dirigentes" da revolução, indicados por decreto, se equivoca.³⁵

Cara y Cruz, termo que intitula o artigo de Sarandy Cabrera, alude em castelhano às duas faces de uma mesma moeda. Em carta enviada à *Marcha*, José Jorge Martínez cobra de Sarandy Cabrera uma abordagem mais equilibrada da Conferência, afirmando que o autor tece uma apresentação injusta e enviesada. “Inutilmente buscamos em suas 5 colunas algo que pudesse se assemelhar à Cara: tudo nele é Cruz. Isso é justo? Acreditamos que não”³⁶. Martínez era membro da FIdEL e do Partido Comunista Uruguaio, e trabalhou como subdiretor do *El Popular*, publicação diária do PCU³⁷. Em sua carta, tece uma série de comentários acerca do artigo de Cabrera, além de devolver ao autor de *Cara y cruz* as

³⁴ ROCCA, Pablo. **35 años en Marcha**: mapa de la escritura en el semanário Marcha (1939-1974). Havana: Casa de las Americas, 2015, p.198.

³⁵ CABRERA, Sarandy. Cara y Cruz de la Conferencia de Cuba. **Marcha**, ano XXVI, n. 1287, 31 de dezembro de 1965, p. 15.

³⁶ MARTÍNEZ, José Jorge. Con Sarandy Cabrera. **Marcha**, ano XXVII, n. 1288, 14 de janeiro de 1966, p. 3.

³⁷ MARTÍNEZ, José Jorge. **Crónicas de una derrota**: testimonio de un luchador. Montevideú: Ediciones Trilce, 2003. 160p.



acusações de divisionista e sectário.

Martínez faz questão de ressaltar a importância da Conferência como um espaço de reunião pioneiro, na medida em que integra a América Latina nos esforços coordenados de solidariedade afro-asiática; entre seus méritos estava precisamente seu potencial para a resolução de divergências entre as esquerdas e permitir o intercâmbio de experiências. A possibilidade de estabelecer um quadro oficial de apoio ao Vietnã e à Revolução Cubana também são mencionados pelo autor. Segundo Martínez, a *Mesa por la Unidad de los Pueblos* não representara o Uruguai na Conferência porque seus esforços eram recentes e ainda limitados, não havia consenso suficiente entre seus membros e, afinal, a FIdEL foi a entidade oficialmente convidada pelo CIP.

Outro tema que permeou a polêmica entre Sarandy Cabrera e José Jorge Martínez foi precisamente a definição de quais foram os antecedentes da Conferência Tricontinental. Cabrera atribui a organização da Tricontinental à reunião de partidos comunistas latino-americanos realizada em Cuba em 1964, argumento que fundamenta sua tese de que a Tricontinental é uma manobra política soviética. Martínez, por sua vez, corrige o equívoco do primeiro, atribuindo a gestação da conferência dos três continentes à participação de Cuba na OSPAA na condição de membro convidado (sem direito a voto), que se inicia em 1961. Já neste ano o Comitê de Solidariedade Afro-asiático começara a estudar a possibilidade de realizar a Tricontinental.

É interessante perceber como questões de política internacional como o conflito sino-soviético são aqui articuladas e atualizadas à luz de disputas e alianças nacionais. As polêmicas acerca da seleção e formação da delegação uruguaia, e de maneira geral, das delegações latino-americanas, se estendeu por ainda alguns meses. A Frente Anarquista Uruguaia (FAU) e o Partido Socialista Uruguaio (PSU) escreveram notas acerca de suas respectivas exclusões da Conferência, publicadas na sessão *Carta de los lectores* do semanário. Em sua nota³⁸, a FAU reitera que a Conferência foi pouco divulgada no Uruguai. Acusa a FIdEL, organização responsável por realizar as chamadas para formação da representação uruguaia unificada, de não constituir um Comitê Nacional nem partilhar os materiais e informações sobre a conferência com as demais organizações uruguaias. Ademais, a FAU cobra que a FIdEL adote postura distinta durante as preparações da reunião da Organização Latino Americana de Solidariedade

³⁸ Frente Anarquista Uruguaia. Tricontinental (II). *Marcha*, ano XXVII, n. 1290, 28 de janeiro de 1966, p. 2.



(OLAS)³⁹, prevista para realizar-se no ano seguinte, e passe a incorporar membros de outros grupos atuantes no Uruguai.

A carta do Partido Socialista Uruguai (PSU), por sua vez, apoia e reconhece a importância histórica da Conferência, ao passo que critica àqueles que "se arrogaram a representação da esquerda uruguiaia"⁴⁰. Ao lado de Cabrera e da FAU, o PSU acusa a organização de não se esforçar para divulgar a conferência e não convidar os demais à formação de uma delegação unitária. Reitera que havia um espaço de diálogo em âmbito nacional onde isso poderia ter sido feito: a *Mesa por la Unidad del Pueblo*. O PSU pede explicações, afirmando que ainda que a FIdEL tivesse sido o único convidado, deveria ter informado ao CIP que não era o único representante da esquerda anti-imperialista uruguiaia e pleiteado a participação das demais organizações. A atuação da FIdEL contradiz a dita unidade que se defende e afirma em discursos.

A unidade, palavra que estava na ordem do dia da Conferência, provava-se um desafio colossal. Os dilemas que permearam a formação das delegações latino-americanas articularam disputas nacionais à luz de embates de política internacional (alinhar-se à China, à Cuba, à União Soviética), práticas e métodos de ação (foquismo, guerra popular prolongada, via democrática, guerrilha urbana, entre outros) e leituras teóricas do marxismo (marxismo-leninismo, maoísmo, trotskismo, anarquismo...). Esses dilemas, por sua vez, não foram exclusividade da delegação uruguiaia. Muitas das delegações foram obrigadas a enfrentá-los, especialmente aquelas que optaram pela formação de Comitês Nacionais e Frentes. A Conferência Tricontinental, por sua vez, foi palco de inúmeras disputas, e percebê-las é um desafio que segue em aberto para os pesquisadores de História da América Latina.

Em sua edição de 18 de fevereiro de 1967, *Marcha* abre espaço em suas páginas para a

³⁹ Após a Conferência Tricontinental, uma reunião especial de representantes latino-americanos, que contou com a presença de lideranças como Salvador Allende e Fidel Castro fundou a Organização Latino-americana de Solidariedade (OLAS), determinando que esta se reuniria no ano seguinte, e indicando os membros do comitê organizador desta nova conferência. Seguindo moldes semelhantes à OSPAAAL e a OSPAA, a OLAS deveria coordenar a solidariedade e a cooperação entre os movimentos e partidos de esquerda latino-americanos em sua luta contra o imperialismo estadunidense. A primeira e única reunião da OLAS aconteceu no ano seguinte, em Havana. Para mais informações sobre as repercussões da participação uruguiaia na OLAS, conferir: VILLAÇA, Mariana. Cuba e a esquerda uruguiaia: o encontro da OLAS (Organización Latinoamericana de Solidaridad, 1967) nas páginas de *Marcha*. Projeto História, São Paulo, v.59, pp.309-336, Abri.-Jul. 2017.

⁴⁰ Partido Socialista Uruguai. Tricontinental (IV). *Marcha*, ano XXVII, n. 1290, 28 de janeiro de 1966, p. 4.



publicação de um artigo de opinião de Adolfo Gilly intitulado *Respuesta a Fidel Castro*⁴¹, segundo o qual a Tricontinental tinha sido uma conferência “sem glória e sem programa”⁴². Para Gilly, a conferência havia sido marcada por uma clara oposição programática cortada pelo conflito sino-soviético: de um lado, a defesa da coexistência pacífica pelos soviéticos; de outro, os chineses e sua defesa da revolução mundial. Para o autor argentino, o posicionamento cubano, em aliança com os soviéticos, tinha colocado Cuba em uma posição absolutamente contraditória, que impedia que os cubanos professassem uma verdadeira defesa da via revolucionária. Tal movimento cubano teria sido seguido pelos representantes latino-americanos da Conferência que, ao apoiarem a coexistência pacífica, estariam aliando-se à Moscou e ao reformismo.

O artigo responde ao discurso de encerramento da Conferência Tricontinental pronunciado por Fidel Castro, que dedicou quase tanto tempo à aclamação dos sucessos da reunião quanto a tecer duras críticas ao trotskismo, ao movimento guerrilheiro guatemalteco MR-13 e a Adolfo Gilly.⁴³ A polêmica se inicia porque Gilly havia publicado um artigo nos semanários *Marcha*⁴⁴, em 1965, afirmando que Che Guevara deixara a ilha de Cuba por causa de divergências políticas com Fidel Castro, acerca da URSS e os caminhos da revolução mundial. Castro dedicou vários minutos de seu discurso desferindo críticas ferrenhas ao trotskismo e a Adolfo Gilly – aos quais atribui a invenção e difusão destas afirmações. O líder cubano teceu, ainda, duras críticas ao movimento guerrilheiro guatemalteco MR-13, liderado por Antonio Yon Sosa e defendido por Adolfo Gilly em artigo que, segundo Castro⁴⁵, teria sido publicado meses antes na revista estadunidense *Monthly Review*.

Para Castro, não bastava atacar o intelectual argentino, era preciso mostrar que este apoiava os movimentos “equivocados”, ainda que os argumentos de Castro contra o MR-13 e o trotskismo sejam, no mínimo, vagos. O cubano afirma reiteradamente que o trotskismo atuava como arma do

⁴¹ O artigo em questão também foi publicado na revista da esquerda estadunidense *Monthly Review*, consultada durante a elaboração deste artigo. GILLY, Adolfo. A Conference without glory and without program. **Monthly Review**: a socialist independent magazine. 1966, abril, vol. 17, n. 11.

⁴² _____ . A Conference without glory and without program. p. 1.

⁴³ CASTRO, Fidel. **At the Closing Session of the Tricontinental Conference** [1966]. Disponível em: <<https://www.marxists.org/history/cuba/archive/castro/1966/01/15.htm#cuban-support>>. Acessado em: 10 de janeiro de 2017.

⁴⁴ GILLY, Adolfo. Las causas de la renuncia del Che. **Marcha**, ano XXVI, no 1277, 22 de outubro de 1965, p.19.

⁴⁵ CASTRO, Fidel. **At the Closing Session of the Tricontinental Conference** [1966]. Disponível em: <<https://www.marxists.org/history/cuba/archive/castro/1966/01/15.htm#cuban-support>>. Acessado em: 10 de janeiro de 2017.



imperialismo, na medida em que divulgava as mesmas “calúnias” sobre o paradeiro de Guevara que eram propagadas pela imprensa “dos imperialistas”. Segundo o Fidel Castro, apenas aqueles que não conhecem a história revolucionária poderiam defender o trotskismo, por ignorância ou ingenuidade. Cuba e seu processo revolucionário, por outro lado, deviam ser defendidos, afinal, o movimento revolucionário cresce “acima de tudo por causa do exemplo da revolução cubana, [...] por causa das vitórias da revolução cubana, por causa da posição de Cuba contra o inimigo”⁴⁶.

É importante ressaltar que Gilly se equivoca em inúmeras de suas afirmações acerca de delegações na conferência, chegando a afirmar que a maioria das delegações latino-americanas eram subordinadas aos partidos comunistas, à coexistência e ao reformismo soviético. Tal afirmação será refutada de maneira contundente pelo argentino Jose Vazeilles, tanto nas páginas do semanário *Marcha*⁴⁷ quanto nas páginas da própria revista *Monthly Review*⁴⁸. Ali, Vazeilles expõe detalhadamente a composição das delegações latino-americanas presentes na Conferência.

Em oito países o PC não tinha representação: Peru, Panamá, Haiti, México, Porto Rico, as três Guianas. Em três países o PC era minoria: Brasil, Argentina e República Dominicana. Em dois países, Cuba e Guatemala, o PC segue a linha revolucionária (luta armada). Em um país, Paraguai, o PC faz parte do front revolucionário. Em um país, Venezuela, a linha revolucionária do PC, conjuntamente com a linha paralela do MIR (Movimiento de Izquierda Revolucionária), forma o comando político das guerrilhas (ambas organizações tem braços que apoiam a via pacífica, mas estas não estiveram representadas na Conferência). Em outras palavras, *um total de 15 delegações abertamente apoiaram a linha da revolução [grifo nosso]*⁴⁹.

Só era possível, afinal, apontar seis delegações latino-americanas em linha com a proposta reformista e pacífica. Nesse sentido, Vazeilles indaga: “o que significa pintar delegados latino-americanos que, com armas às mãos, estão desenvolvendo uma prática revolucionária sólida, como um rebanho de ovelhas, abjeto, servil à Moscou?”⁵⁰. Vazeilles não foi o único a criticar o polêmico artigo de Adolfo Gilly, ainda que talvez tenha sido quem o fez de maneira mais sofisticada e detalhada. As edições de *Marcha* dos dias 4 e 11 de março contaram, cada uma, com duas cartas acerca do artigo

⁴⁶ CASTRO, Fidel. **At the Closing Session of the Tricontinental Conference** [1966].

⁴⁷ VAZEILLES, José. Tricontinental: internacionalismo y revolución, **Marcha**, ano XXVII, n. 1301, 29 de abril de 1966, p. 18.

⁴⁸ VAZEILLES, Jose. The Tricontinental Conference: concrete internationalism and revolution. **Monthly Review**: a socialist independent magazine. 1966, junho, vol. 18, n. 22, p. 28-34.

⁴⁹ _____. **The Tricontinental Conference**: concrete internationalism and revolution. p.31.

⁵⁰ _____. **The Tricontinental Conference**: concrete internationalism and revolution. p.34.



de Adolfo Gilly, intituladas “Gilly tiene razón”⁵¹, “Gilly no tiene razón”⁵², “Gilly”⁵³, “Tricontinental”⁵⁴ e “Del Che, Violeta y las Cavernas”⁵⁵. Uma carta⁵⁶, publicada no dia 01 de abril de 1966, chega a advogar pela proibição do semanário *Marcha*, já que o conteúdo “calunioso” contra a Conferência Tricontinental – especialmente o artigo de Adolfo Gilly e as cartas de seus defensores – eram um desserviço e promoviam a desinformação e o divisionismo.

O cisma sino-soviético permeou não só o processo de formação e seleção das delegações presentes na Conferência, mas dominou os próprios debates conduzidos em Havana. Marcel Niedergang afirmaria em artigo sobre a Conferência que os delegados estavam com “um pedaço do coração em Pequim e a cabeça em Moscou”⁵⁷, expressando que a defesa das vias pacíficas encontrava-se em crise naquele momento. Os convites de Havana à adoção da luta armada e de Pequim à “insurreição permanente e generalizada”⁵⁸ ganhavam força. Enfim, a luta armada foi a ponta de lança da reunião, especialmente entre os latino-americanos, ainda que essa defesa viesse sempre acompanhada do reconhecimento da necessidade de uma “análise correta das condições objetivas e subjetivas da luta em cada país”⁵⁹.

Mesmo entre os conferencistas mais ponderados, parecia ser consenso que eventos como a Guerra do Vietnã e a invasão da República Dominicana “provam que o caminho pacífico se encerrou”⁶⁰. Entretanto, a predominância de discursos e resoluções em franca defesa da luta armada incomodou alguns uruguaios, entre eles um leitor que escreve em carta à *Marcha*, sob o pseudônimo de “idealista”:

Os que, em um principio, supusemos que da Conferência Tricontinental sairiam delineamentos verdadeiramente práticos e utilizáveis, em prol da reivindicação das massas populares, devemos reconhecer que nos equivocamos. As resoluções dessa conferência, preconizando o uso da violência como meio de mudar a ordem das coisas em benefício dos povos do nosso continente, não pode conformar-nos.

⁵¹ W. M. Gilly tiene razón. **Marcha**, ano XXVII, no 1294, 4 de março de 1966, p.2.

⁵² LOMBA, Violeta López. Gilly no tiene razón. **Marcha**, ano XXVII, no 1294, 4 de março de 1966, p.2.

⁵³ LATENDORF, Alexis. Gilly. **Marcha**, ano XXVII, no 1295, 11 de março de 1966, p.3.

⁵⁴ Centro de Estudios Latinoamericanos Regional Cordoba Argentina. Tricontinental. **Marcha**, ano XXVII, no 1295, 11 de março de 1966, p.3.

⁵⁵ El ‘joven de hoy’. Del Che, Violeta y las cavernas. **Marcha**, ano XXVII, no 1296, 18 de março de 1966, p.3.

⁵⁶ SIRIO, Edmundo. Prohibir a “Marcha”! **Marcha**, ano XXVII, no 1298, 1 de abril de 1966, p.3.

⁵⁷ JAGAN, Cheddi apud NIEDERGAN, Marcel. Los partidos comunistas encabezan la revolución? **Marcha**, ano XXVII, n. 1291, 4 de fevereiro de 1966, p. 16-17.

⁵⁸ _____. **Los partidos comunistas encabezan la revolución?** p.16.

⁵⁹ _____. **Los partidos comunistas encabezan la revolución?** p.16.

⁶⁰ _____. **Los partidos comunistas encabezan la revolución?** p.17.



Sabemos que é necessária uma revolução na América Latina, *mas cremos que essa revolução deve ser de ideais, de conceitos e não de sangue.* [Grifo nosso]⁶¹

Na leitura de Marcel Niedergang, a Tricontinental evidenciava uma situação *paradoxal*, bem como um momento de mudança na atuação de muitos partidos comunistas latino-americanos. Até 1964, a maior parte das ações revolucionárias na América Latina receberam duras críticas dos PCs. As derrotas da luta armada eram atribuídas não ao reforço do combate às esquerdas que se deu após o caso cubano, com apoio estadunidense, mas a um descuido com a preparação política e um romantismo idealizado. Durante a Tricontinental, entretanto, os comunistas se veem obrigados a dinamizarem-se para manterem-se relevantes, e isso significa flexibilizar as posições acerca da luta armada e disporem-se ao diálogo com outros movimentos anti-imperialistas e de esquerda. É para isso que aponta, também, Carlos Nuñez. Na leitura do autor, a criação da OLAS como organização suplementar às Conferências de PCs latino-americanos, consiste na tentativa de buscar uma via que supere os dilemas do comunismo internacional de maneira "independente, sem subserviência ideológica"⁶².

Para Carlos Nuñez, a Conferência foi fundamental para solidificar a posição protagonista de Cuba no cenário internacional. Ao perguntar-se sobre a “audácia e envergadura” da política externa cubana nesse momento, o autor alude à busca de um possível “poli-centrismo”⁶³, à tentativa de “solucionar as contradições intensificando-as”⁶⁴. Cuba centralizava em torno de si a atenção dos movimentos anticolonialistas e anti-imperialistas, ao passo que reivindicava para si o lugar de uma espécie de “fiel da balança” entre eles, mediando inclusive os diálogos entre os defensores da luta insurrecional e os optantes pela linha pacífica, mantendo relações com ambos, ainda que se posicionasse discursivamente em favor dos primeiros. Cuba é descrita como o grande vencedor da Conferência, na medida em que torna-se sede tanto da Organização de Solidariedade dos Povos de África, Ásia e América Latina (OSPAAAL)⁶⁵, e nomear Osmany Cienfuegos como seu Secretário-Geral, quanto da Organização Latino-Americana de Solidariedade (OLAS).

⁶¹ IDEALISTA. **Tricontinental (VI). Marcha**, ano XXVII, n. 1291, 4 de fevereiro de 1966, p.2.

⁶² CASTRO, Fidel apud NUÑEZ, Carlos. Cuba a nível de potencia. **Marcha**, ano XXVII, n. 1289, 21/01/1966, p. 15.

⁶³ NUÑEZ, Carlos. **Bien está lo que bien acaba**, p.18-19.

⁶⁴ _____. **Bien está lo que bien acaba**, p. 19.

⁶⁵ Cuba torna-se sede *provisória*, até que se defina, na Segunda Conferência Tricontinental prevista para ocorrer no Cairo dois anos depois, o destino final da organização. Entretanto, a reunião do Cairo nunca se concretizou, de modo que Cuba mantém até hoje a Secretaria Geral da OSPAAAL, cuja sede segue sendo em Havana.



Ainda segundo Nuñez, Cuba afirma manter-se distante do conflito sino-soviético. O afastamento entre Cuba e China se dá em função da polêmica comercial em torno do arroz, que inicia-se dias antes da Conferência Tricontinental. Para o autor, a disputa sino-cubana consiste em uma prática, material, e não doutrinária; do ponto de vista doutrinário, a posição cubana se aproxima mais da posição chinesa. Isso se dá tanto do ponto de vista da defesa da via insurrecional quanto do ponto de vista da independência que os movimentos nacionais devem ter para deliberações segundo critérios nacionais próprios. O autor defende Cuba das acusações de ter se aliado a Moscou. Nuñez afirma ter perguntado a um dirigente cubano que não identifica em sua reportagem sobre a atuação de Cuba como ponto de apoio da política externa soviética, ao que o dirigente responde – com um otimismo característico - que foi “a URSS quem se dobrou à linha cubana”⁶⁶. O repórter uruguaio resume os debates da Conferência afirmando que

A China não reconhece a unidade na práxis sem conciliação ideológica; portanto, uma vez que essa não é possível, a unidade prática se dará sem a China; na medida em que Moscou se mostre permeável às necessidades da unidade, essa se fará com a URSS, quiçá inclusive em torno da URSS, mas sem que isso signifique dar aval a priori a qualquer tese ou tática.⁶⁷

“Pequim manteve, em todas as comissões e em todos os campos, a ofensiva”⁶⁸, e para Nuñez, foi derrotada. Segundo Niedergang, as discordâncias com os chineses e a irritação dos delegados para com essa delegação estavam muito mais ligadas às “políticas de obstrução” e a “repetição monótona”⁶⁹ das críticas à política soviética de coexistência pacífica. A tônica da reunião ecoava, afinal, os chamados de Pequim à internacionalização da luta anti-imperialista. Entretanto, a maioria dos delegados defendia a necessidade da unidade perante o inimigo, que os chineses quase inviabilizaram com suas reiteradas críticas aos soviéticos.

A principal – quiçá única – vitória chinesa na Conferência foi o formato final da OSPAAAL. Nesse âmbito, a principal questão em pauta era definir se a OSPAA continuaria existindo e uma nova organização de caráter tricontinental seria criada (proposta defendida pelos chineses), ou se ambos os

⁶⁶ NUÑEZ, Carlos. **Y ahora, en que campo está Cuba?** p.18.

⁶⁷ _____. **Y ahora, en que campo está Cuba?** p.18.

⁶⁸ _____. **Cuba a nivel de potencia**, p.15.

⁶⁹ NIEDERLANG. **Los partidos comunistas encabezan la revolución?** p. 16-17.



esforços seriam unificados sob uma única organização (proposta defendida pelos soviéticos).⁷⁰ O resultado encontrado para o dilema foi, 1) a manutenção da Organização de Solidariedade Afro-asiática; 2) a criação de um organismo latino-americano, a Organização Latino-Americana de Solidariedade e 3) a criação de um órgão tricontinental, a Organização de Solidariedade dos Povos de África, Ásia e América Latina (OSPAAAL).

Outro grupo que é apontado como vitorioso na Conferência é o grupo dos países árabes, bem-sucedidos em aprovar uma série de resoluções acerca do conflito árabe-israelense e em favor da Palestina. É importante notar – algo que foi apontado exaustivamente nas páginas do semanário – que tampouco os movimentos anti-imperialistas de Israel foram convidados a participar da Conferência Tricontinental. As polêmicas em torno do caso de Israel, que se iniciaram com pedidos de explicações em cartas de leitores, se estenderam por alguns meses. Organizações argentinas como a Juventud Judia Revolucionaria⁷¹ e a Juventud Sionista Socialista Mordejai Anilevich⁷² cobravam do Comitê Internacional Preparatório convite para uma delegação israelense que representasse as esquerdas anti-imperialistas daquele país. O corpo editorial de *Marcha*, inclusive, emitiu uma nota apoiando essas pretensões, mas a carta não obteve resposta. (O Presidente do CIP, o marroquino Mehdi Ben Barka, desapareceu em Paris às vésperas da conferência, e foi substituído em algumas de suas funções pelo representante da República Árabe Unida (RAU)⁷³ Yousef El Sebai.)

Se neste primeiro momento a posição das cartas era de reconhecer a importância da Conferência e pleitear a participação de Israel, a polêmica se agrava significativamente após o término da reunião. Entre as resoluções aprovadas ali, afirmava-se que o território de Israel era utilizado como “base militar do imperialismo” no Oriente Médio. Israel aparece inúmeras vezes entre as resoluções e antecedentes, tendo sido mencionada não só sua atuação na Palestina, mas suas ações em cooperação com o “mundo livre” no Congo, na Nigéria, e – claro – sua ação militar conjunta com França e Inglaterra contra o Egito anos antes, após a nacionalização do Canal de Suez. Israel é, ainda, acusado

⁷⁰ ZOLOV, Eric La Tricontinental y el mensaje del Che Guevara. Encrucijadas de una nueva izquierda. **Palimpsesto**, v. VI, n. 9, enero–junio, 2016, p.1-13.

⁷¹ SCHILLET, Herman. Juventud Judia Revolucionaria: Carta. **Marcha**, ano XXVII, n. 1288, 14 de janeiro de 1966, p.2.

⁷² ANILEVICH, Juventud Sionista Socialista Mordejai. Exclusiones en la Tricontinental. **Marcha**, ano XXVII, n. 1288, 14 de janeiro de 1966, p.2.

⁷³ El Sebai nasceu no Egito, que durante o período compreendido entre 1958 e 1971 utilizou a denominação República Árabe Unida (RAU). O nome advém da breve união entre Egito e Síria que se inicia em 1958 e vê seu ocaso em 1961, quando um golpe de Estado na Síria volta a separar os dois países.



de oferecer apoio logístico, medicamentos e até mesmo armas a Portugal, aos Estados Unidos e às forças reacionárias do Yemen. A Conferência aprova duas resoluções sobre a Palestina, das quais destacamos os seguintes pontos:

1. CONSIDERA que o sionismo é um movimento imperialista por natureza, com propósitos agressivos e expansionistas, e no referente a seus métodos, tem uma estrutura racista e fascista.
 2. CONSIDERA que o estado sionista de emigrados é uma base imperialista, um instrumento útil e obediente do imperialismo para a agressão e penetração econômica, política e cultural e para a infiltração, e como tal, Israel constitui uma ameaça à segurança e à paz mundial e um impedimento ao desenvolvimento do progresso nesta região.
 3. CONSIDERA o direito da Palestina a libertar-se como uma extensão dos direitos inerentes e inalienáveis de todos os povos a defenderem-se.
 4. CONDENA o movimento sionista e a existência de Israel no território ocupado da Palestina.
 5. PEDE o rompimento das relações políticas com Israel, seu bloqueio econômico e cultural e expulsão das organizações internacionais, particularmente exorta a todos os partidos e comitês progressistas a redobrar seus esforços para combater a infiltração e penetração sionista em seus países respectivos e a cancelar os acordos firmados com Israel.
- [...]
9. APOIA PLENAMENTE a Organização de Libertação Palestina (OLP) em sua luta pela independência deste território. [...] ⁷⁴

As reações às duras palavras desta resolução inundaram ⁷⁵ as páginas do semanário *Marcha*. O conteúdo das resoluções foi acusado de ser “anti-judio” ⁷⁶, “anti-israelense” ⁷⁷, “racista” ⁷⁸ e “chauvinista” ⁷⁹. O artigo de Julio Adin expressa de maneira bastante clara a forma como essa resolução foi recebida: um “convite à morte” ⁸⁰.

Agora são 'os condenados da terra' quem nos negam o direito de somar nossa voz à deles; de oferecer nossa solidariedade requerida de todos, exceto de nós. Não há lugar para nós entre os combatentes. Rechaçam nossa presença. Nos tiram a esperança. Nos negam o direito de existir. Que devemos fazer, suicidar-nos? ⁸¹

O autor chama atenção para o fato de que a Conferência distingue representantes de governos

⁷⁴ Resolución sobre Palestina. Archivo Histórico Digital da OSPAAAL. Acessado *in loco*, junho de 2017.

⁷⁵ Dos 55 textos publicados no semanário sobre a Tricontinental, 15 tratavam especificamente do conflito árabe-israelense, do não-convite a uma delegação de Israel e das resoluções aprovadas sobre esse tema.

⁷⁶ Anônimo. Tricontinental (V). *Marcha*, ano XXVII, n. 1291, 4 de fevereiro de 1966, p.2.

⁷⁷ Anônimo. Tricontinental (V). *Marcha*, ano XXVII, n. 1291, 4 de fevereiro de 1966, p.2.

⁷⁸ R. P. Injusticias en la Tricontinental. *Marcha*, ano XXVII, no 1296, 18 de março de 1966, p.5.

⁷⁹ ADIN. *Invitación a morir*, *Marcha*, ano XXVII, n. 1293, 18 de fevereiro de 1966, p. 15.

⁸⁰ _____. *Invitación a morir*, p. 15.

⁸¹ _____. *Invitación a morir*, p. 15.



em todos os casos, exceto no caso de Israel. Diversos países foram representados por partidos e movimentos da luta armada, e não por seus governos. Para Adin, essa resolução entra em desacordo com os princípios da conferência, entre eles o de autodeterminação dos povos. Adin aponta que há uma contradição entre as políticas externas de Cuba e URSS acerca de Israel adotadas até então e o conteúdo aprovado na Conferência Tricontinental. Fidel sempre fora simpático a Israel, e teceu boas relações com os kibuts de Mapam. O autor acusa as delegações de Cuba e da URSS, que até então reconheciam politicamente o Estado de Israel, de utilizá-lo como “moeda de troca”⁸² para conseguir o apoio dos países árabes.

Para a Juventude Sionista Socialista Mordejai Anilevich, se o sionismo é o movimento de libertação nacional do povo judeu, então ele é também parte da luta antiimperialista, em defesa do domínio pelos judeus de seu território nacional e meios de produção. Para essa organização, a resolução promove a desunião, quando movimentos antiimperialistas judeus e palestinos deveriam se unir e lutar contra seu inimigo comum: o imperialismo. Para eles, ainda, a resolução vai contra o direito do povo judeu à sua existência e autodeterminação, contradizendo os próprios princípios que guiam a luta anti-imperialista e a moral revolucionária. Em suas palavras de conclusão, afirmam que "a paz e o socialismo no Oriente Médio serão com Israel ou não serão"⁸³, em defesa de uma solução que prevê a existência dos dois estados, Israel e Palestina. Muitos dos textos reiteram que em Israel há camponeses, trabalhadores e burgueses; e portanto, luta de classes.⁸⁴ Nas palavras de Adin,

A resolução de Havana não faz distinção entre direita e esquerda. Entre política reacionária e progressista. Entre as forças da paz e da guerra. Entre os israelenses anti-imperialistas e pró-imperialistas. Não denuncia a política regressiva de um governo, mas condena todo um povo.⁸⁵

Dante Tomassini, por sua vez, afirma que os posicionamentos em defesa de Israel são caracterizados por “clássico fanatismo” e “sectarismo dogmático”. Para o autor, Israel atua em favor do imperialismo, inclusive contando com sua ajuda financeira e militar. Todas as vezes em que o autor fala sobre a esquerda judia/israelense, ironiza colocando o termo entre aspas. Tomassini se lança em

⁸² _____. *Invitación a morir*, p. 15.

⁸³ Anônimo. Tricontinental (V). *Marcha*, ano XXVII, n. 1291, 4 de fevereiro de 1966, p.2.

⁸⁴ ANILEVICH, Juventud Sionista Socialista Mordejai. Carta: Tricontinental (VII). *Marcha*, ano XXVII, n. 1291, 4 de fevereiro de 1966, p.3.

⁸⁵ ADIN. *Invitación a morir*, p. 15.



defesa da resolução aprovada na Tricontinental, afirmando que esta é a expressão de uma ideologia proletária, ao passo que o sionismo é uma “ideologia burguesa”⁸⁶. O autor define o Estado de Israel como “um engendro das forças reacionárias e contrarrevolucionárias sionistas a serviço do imperialismo na última etapa do capitalismo”⁸⁷. Por meio da leitura da resolução, bem como das acaloradas opiniões apresentadas em *Marcha*, entrevê-se um acirramento significativo das tensões entre Israel e os países árabes, que pouco mais de um ano depois culminaria na Guerra dos Seis Dias⁸⁸.

Foi na edição de *Marcha* publicada no dia 15 de abril de 1966 que se expôs de maneira mais contundente as respostas do corpo editorial do semanário às questões suscitadas em Havana. O editorial desta edição, intitulado *En busca de un camino*, encerra-se com a afirmação clara de que ele deve ser considerado um comentário sobre as resoluções da Conferência Tricontinental “desde um ponto de vista uruguaio”⁸⁹. Provavelmente escrito por Carlos Quijano, editor-chefe da publicação, o texto afirma que não há saída para os atuais problemas uruguaio senão por meio da revolução; entretanto, as condições necessárias para uma revolução uruguaia bem sucedida não estão dadas. De modo que “não haverá, não pode haver, autênticas revoluções nacionais”⁹⁰ em países tão pequenos quanto o Uruguai, sem que haja uma revolução de magnitude continental. A principal posição pleiteada ali afirma a necessidade de “firmar as bases de uma força autenticamente nacional e anti-imperialista”⁹¹ que possa unificar os partidos de esquerda que atuam no Uruguai naquele momento. Essa demanda torna-se ainda mais urgente na medida em que se aproxima o período eleitoral.

*Unidad pero no solo para dentro*⁹², por sua vez, oferece uma espécie de continuação do editorial publicado naquela mesma edição. Se analisados conjuntamente, estes artigos permitem entrever o quanto a necessidade de articular perspectivas nacionais e perspectivas globais foi uma tarefa árdua, enfrentada de maneira bastante complexa pela esquerda uruguaia. Sem fugir do debate crítico e em

⁸⁶ TOMASSINI, Dante. La Tricontinental y la cuestión judía. *Marcha*, ano XXVII, n. 1299, 15/04/1966, p.3.

⁸⁷ _____. La Tricontinental y la cuestión judía, p.3.

⁸⁸ Ocorrida entre 5 e 10 de junho, a Guerra dos Seis Dias consolidaria de maneira definitiva a ocupação israelense em territórios que anteriormente pretendiam aos árabes, e agravando ainda mais as relações entre Israel e seus vizinhos. Partes das Colinas de Golã sírias, da Península do Sinai pertencentes à República Árabe Unida (RAU), e da Cisjordânia, na fronteira com a Jordânia, passam ao controle de Israel; centenas de milhares de palestinos são deslocados e se refugiam nos países vizinhos.

⁸⁹ MARCHA. En busca de un camino. *Marcha*, ano XXVII, n. 1299, 15 de abril de 1966, p. 5.

⁹⁰ _____. *En busca de un camino*, p.5.

⁹¹ _____. *En busca de un camino*, p.5.

⁹² GUTIERREZ, Carlos María. Unidad pero no solo para dentro. *Marcha*, ano XXVII, n. 1299, 15/04/1966, p. 13.



busca de *cara y cruz*, o artigo de Gutierrez acerca da Conferência convida a uma análise exaustiva do imperialismo, do campo socialista, e do cisma sino-soviético.

Na medida em que um processo unitário evita este exame, arquivando-o sob o rótulo 'pontos que separam' e adotando a cômoda solução já utilizada de que essa atitude crítica é divisionista ou infecunda, seguirão soltas pontas que são imprescindíveis para firmar a unidade que se procura.⁹³

Gutierrez reitera as afirmações do editorial: se o imperialismo é um fenômeno de escala continental, então também o devem ser os planos para seu enfrentamento. Os planos nacionais devem, portanto, coordenarem-se com os planos continentais. Havana, segundo o autor, constitui-se como um ponto de referência, não só dos temas que mobilizou e dos consensos alcançados, mas também dos impasses encontrados. A Tricontinental permitiu “medir a sinceridade dos propósitos de unidade”⁹⁴. Em um balanço final da Conferência e da cobertura oferecida por *Marcha*, Carlos Maria Gutierrez aponta, entre os equívocos identificados na Conferência, a rigidez do processo de formação de delegações - que excluiu as esquerdas de Israel e a Mesa por la Unidad del Pueblo uruguaia - e a resolução sobre Israel. O texto se encerra enfatizando o papel da OLAS, cuja criação o autor identifica como um dos principais méritos da Conferência Tricontinental. A questão acerca de quem representará a delegação uruguaia fica postulada, conjuntamente com a demanda de que a representação enviada à OLAS seja mais representativa do que aquela que fora enviada a Havana. Segundo Gutierrez, a formação desta nova delegação deve dar-se por meio de um processo unitário, que preze pelo “enfrentamento de pontos de vista - demasiado fecundo e positivo para que seja descartado por sua inegável dificuldade”⁹⁵.

*

Além dos aspectos explicitamente políticos da Conferência, a cobertura do semanário *Marcha* nos traz uma série de relatos especialmente interessantes por sua dimensão sensível, que nos convidam a imaginar, sentir, um pouco do que teria sido aquela experiência. Segundo Carlos Núñez, a Conferência Tricontinental caracterizava-se pela “ausência do protocolo engomado”⁹⁶ que dominava as relações internacionais. Ademais, a recepção acalorada oferecida pelos cubanos era digna de nota,

⁹³ _____. *Unidad pero no solo para dentro*, p.13

⁹⁴ GUTIERREZ. *Unidad pero no solo para dentro*, p.13

⁹⁵ _____. *Unidad pero no solo para dentro*, p.13

⁹⁶ NUÑEZ. *El Tercer Mundo en la Habana*, p. 9.



juntamente com seu “apaixonado grau de politização”⁹⁷.

Nunca, em nenhuma reunião ao nível mundial ou continental, me encontrei como aqui com corredores de gente aplaudindo os delegados, na rua, no aeroporto, na saída dos hotéis, com um sentido de participação que se nota, em toda ordem, como [aspecto] definitivo da Cuba revolucionária. [...] Não exagero nem um pouco ao dizer que, em menos de 24h, encontrei mais cubanos preocupados com a situação do Uruguai que conheço uruguaios atentos ao continente.⁹⁸

Relatos que mesclam a cobertura estritamente política de Conferência à tentativa abordá-la sob uma perspectiva que valoriza as experiências cotidianas e sensíveis de seus participantes também abundaram nas páginas de *Marcha*. Nesse sentido, o artigo de Marcel Niedergang oferece o interessante relato acerca das dificuldades encontradas pelas esquerdas latino-americanas, em especial as dificuldades para estabelecer contato entre si, compartilhar informação e constituir alianças políticas; o bloqueio estadunidense, por sua vez, influenciava os caminhos percorridos pelas delegações. Chegar em Cuba para a Conferência, por exemplo, foi uma tarefa difícil, e voltar para casa após encerradas as atividades, mais ainda.

Um comandante da *Frente Sur* de Colômbia gastou um mês e meio para chegar em Havana, depois de peripécias e incidentes de itinerário cujos detalhes não se pode revelar aqui. O responsável militar venezuelano da guerrilha do Oriente precisou de vinte dias de viagem, e alguns dirigentes políticos de organizações revolucionárias tinham deixado seus países há dois meses. Retido no México, o líder das Ligas Camponesas do nordeste brasileiro, Francisco Julião, - que tinha conseguido abandonar o Rio logo depois de sua saída da prisão - não pode unir-se à Tricontinental. Alguns delegados africanos e asiáticos acharam muito longa a viagem até Havana. Mas o que diriam os chilenos - obrigados ao rodeio por Praga - ou até mesmo vizinhos mais próximos de Cuba, como os dominicanos e jamaicanos, que precisaram cruzar duas vezes o Atlântico para retornar quase que ao seu ponto de partida?⁹⁹

Tudo isso valia à pena, afirma o autor, já que apesar dos riscos, de “quaisquer que sejam as consequências era necessário provar que Cuba não está isolada politicamente e manifestar essa unidade e essa solidariedade frente ao imperialismo norteamericano”¹⁰⁰. Luis Pedro Bonavita, membro da delegação uruguaia que também oferece seu relato nas páginas de *Marcha*, e é bastante perspicaz quanto às limitações e desafios da conferência, sendo um dos poucos a apontar um limite incontornável dos

⁹⁷ _____. *El Tercer Mundo en la Habana*, p. 9.

⁹⁸ _____. *El Tercer Mundo en la Habana*, p. 9.

⁹⁹ NIEDERGANG. *Los partidos comunistas encabezan la revolución?* p. 16-17.

¹⁰⁰ _____. *Los partidos comunistas encabezan la revolución?* p. 16-17.



esforços empreendidos em Havana: o linguístico.

Os idiomas oficiais da Conferência eram o espanhol, o francês, o inglês e o árabe. Mas em quantas línguas se expressavam os dramas dos povos da África e da Ásia? A dor só se pode expressar na língua de quem sofre, e um percebia que a intensidade da denúncia era muito mais forte que a versão irremediavelmente incompleta [desvalida] das traduções.¹⁰¹

Apesar destas dificuldades, Bonavita ressalta os méritos da Tricontinental, na medida em que foi um momento que rompeu com o isolamento entre os povos do mundo. Os argumentos contra seu formato que buscam deslegitimar sua representatividade¹⁰² - a presença de movimentos revolucionários e de libertação nacional, e não apenas governos - são, na verdade, críticas àquilo que foi seu principal mérito: reunir povos. Para o autor, é desse mérito que surge o medo dos imperialistas frente à Tricontinental, já que é por trás da formalidade de organismos com a OTAN e a OEA, por trás precisamente de sua construção *formalmente* perfeita, que se escondem “a dominação, a entrega, exploração e o crime contra os povos”¹⁰³. Era do interesse dos imperialistas, afinal, que “os prostrados não saibam que outros se levantam. Até que a Primeira Conferência Tricontinental da Havana invalidou a técnica do silêncio”¹⁰⁴.

Pensar a crença na revolução mundial iminente que dominou os sessenta/setenta a partir de uma perspectiva que valoriza as sensibilidades compartilhadas pelos grupos que atuavam naquele momento nos parece um caminho bastante interessante e, em alguma medida, pouco explorado. As respostas dos intelectuais à *encuesta*¹⁰⁵ conduzida por Carlos Nuñez em Havana permitem enxergar alguns aspectos que marcaram as sensibilidades deste momento de convulsão política e social. A encuesta conduzida por Nuñez exemplifica de maneira bastante clara as aproximações entre as páginas de política e as páginas de cultura do semanário *Marcha*. Nuñez inicia a apresentação da *encuesta* se

¹⁰¹ BONAVITA, Luis Pedro. *Marcha*, ano XXVII, n. 1292, 11 de fevereiro de 1966, p.19.

¹⁰² Estes argumentos estiveram presentes na cobertura publicada no chamado “mundo livre” sobre a Conferência, bem como nos debates e resoluções acerca dela aprovados pela OEA. COVARRUBIAS, Ana. Cuba and Mexico: A Case for Mutual Nonintervention. *Cuban Studies*. 1996, vol. 26, p. 121-141.

¹⁰³ BONAVITA. *Cronica de la Tricontinental*. p.19.

¹⁰⁴ _____. *Cronica de la Tricontinental*. p.19.

¹⁰⁵ A encuesta de Nuñez é abordada de maneira extensa por Adriane Vidal Costa (p.67-72). De maneira mais ampla, sobre o tema do papel dos intelectuais e sua relação com as revoluções na América Latina, conferir: COSTA, Adriane Vidal. *Intelectuais, política e literatura na América Latina* – o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa. São Paulo: Alameda, 2013; GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil: debates y dilemas del escritor revolucionario en America Latina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003; MISKULIN, Silvia Cezar. *Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução (1961-1975)*. São Paulo: Alameda, 2009.



perguntando:

O que faziam aqui, junto aos exóticos gorros de pele dos zimbabuianos, entre os rostos curtidos dos guerrilheiros venezuelanos e o olhar ardido de uma heroína vietnamita, homens como Vargas Llosa, como Alberto Moravia, como Manuel Rojas? Quer dizer: em que ponto do caminho que esta Conferência se propunha a abrir podiam convergir interesses e inclinações superficialmente (aparentemente) tão díspares?¹⁰⁶

As respostas oferecidas indicam que a crença em um mundo transformado pela revolução eram compartilhadas naquele momento não só por aqueles que pegavam em armas, mas contaminava também os meios intelectuais. Adriane Vidal Costa chama atenção para o fato de que se cobrava desses intelectuais a tarefa “não apenas de defender a revolução, mas de realizá-la em seus respectivos países, onde a realidade nem sempre era favorável”¹⁰⁷. Entre os latino-americanos, especialmente, predomina a necessidade de compromisso ou de auto-definição. Exceções a esse posicionamento foram escassas; o escritor peruano Mario Vargas Llosa distingue entre o escritor e o intelectual, defendendo a opinião de que escritor deve resguardar sua espontaneidade criativa, ainda que acredite que tanto o escritor quanto o intelectual devem participar da libertação nacional como cidadãos.¹⁰⁸

Os demais intelectuais latino-americanos, como o poeta colombiano Jorge Zalameda, defendem que nos atuais tempos de ebulição política, o trabalho do artista não é “dedicar-se à análise introspectiva”¹⁰⁹ mas assumir o papel de “testemunho de seu tempo”¹¹⁰ e “participar da mudança da sociedade”¹¹¹. Seguindo linha de raciocínio semelhante, a resposta oferecida por Elvio Romero, particularmente, chama a atenção para o aspecto especialmente sensível da relação entre intelectuais e revolução. Os intelectuais, para Elvio Romero, devem escrever sobre a revolução e se compromete com ela por que *sente*, como “expoentes máximos da espiritualidade e da consciência de seu povo”¹¹². Ele lamenta que entre os intelectuais paraguaios esse não seja o caso, e poucos deles tenham ocupado

¹⁰⁶ NUÑEZ, Carlos. Encuesta: El papel de los intelectuales en la liberación nacional. **Marcha**, ano XXVII, n. 1291, 4 de fevereiro de 1966, p. 20.

¹⁰⁷ COSTA. **Intelectuais, política e literatura na América Latina**. p.71.

¹⁰⁸ LLOSA, Mario Vargas. Encuesta: El papel de los intelectuales en la liberación nacional. **Marcha**, ano XXVII, n. 1291, 4 de fevereiro de 1966, p. 20. Vale adicionar que o posicionamento político de Mario Vargas Llosa sofrerá mudanças significativas ao longo dos anos seguintes. Cf. COSTA. **Intelectuais, política e literatura na América Latina**.

¹⁰⁹ ZALAMEA, Jorge. Encuesta: El papel de los intelectuales en la liberación nacional. **Marcha**, ano XXVII, n. 1293, 18 de fevereiro de 1966, p. 22.

¹¹⁰ _____. **Encuesta: El papel de los intelectuales en la liberación nacional**, p. 22.

¹¹¹ _____. **Encuesta: El papel de los intelectuales en la liberación nacional**, p. 22.

¹¹² ROMERO, Elvio. Encuesta: El papel de los intelectuales en la liberación nacional. **Marcha**, ano XXVII, n. 1291, 4 de fevereiro de 1966, p. 21.



“o lugar que as circunstâncias exigiram: as trincheiras”¹¹³.

É quase *impossível* conceber nestes tempos um pensador ou um artista que evite tomar-se por essa respiração coletiva, esperançosa de ver transformada a terra que o acalenta. [...] Vemos nesta primeira Conferência de Solidariedade dos povos de África, Ásia e América Latina, quando as palavras se *incendeiam de ira* frente a inqualificáveis atos agressivos que repugnam pelo tamanho de sua vileza[.] *Quando se é capaz de sentir - como se fosse mesmo o coração do mundo - o padecimento imenso de outros povos que não o seu, [capaz] de ver a si mesmo sangrando se alguém, em Santo Domingo, em Vietnã, derrama seu sangue por uma dignidade sem a qual não vale a pena viver.*¹¹⁴

Entre os cubanos, surge um problema bastante específico, o do papel do intelectual na construção do socialismo. Recorrentemente, como exemplo de vinculação entre intelectuais e libertação nacional, cita-se Fidel Castro e Che Guevara como exemplos a serem seguidos, ao passo que intelectuais cubanos como Lisandro Otero¹¹⁵ e Roberto Fernández Retamar defendem em suas respostas a necessidade do compromisso do intelectual com a Revolução.¹¹⁶ Retamar defende ainda que se supere o conceito "tradicional e vulgarizado" que só considera intelectual ao "literato, ao filósofo e ao artista"¹¹⁷. Os governantes, técnicos, economistas, diplomatas, professores, jornalistas, etc, todos estes são intelectuais; sendo o governo é uma atividade intelectual e política. O papel de um intelectual, além de suas tarefas cidadãs, é interpretar a revolução, produzir compreensões acerca do "nosso mundo, o mundo subdesenvolvido, o Terceiro Mundo"¹¹⁸. O artista, por sua vez, deve expressar o fervor e as tensões do processo de transformação. Enfim, Retamar defende que os intelectuais devem "servir" à revolução, enquanto Lisandro Otero defende que seu papel é “ser mais um”¹¹⁹ entre as fileiras revolucionárias.

Considerações finais

Re-apropriar-se do legado da Conferência Tricontinental, ação pela qual advogam tantos de seus estudiosos, apresenta desafios enormes e demanda do historiador operar com jogos de escala que permitam alternar o nacional, o regional, o continental e o internacional. O presente trabalho buscou

¹¹³ _____. **Encuesta: El papel de los intelectuales en la liberación nacional**, p. 21.

¹¹⁴ ROMERO. **Encuesta: El papel de los intelectuales en la liberación nacional**, p. 21.

¹¹⁵ OTERO, Lisandro. **Encuesta: El papel de los intelectuales en la liberación nacional**. **Marcha**, ano XXVII, n. 1291, 4 de fevereiro de 1966, p. 20.

¹¹⁶ RETAMAR, Roberto Fernández. **Encuesta: El papel de los intelectuales en la liberación nacional**. **Marcha**, ano XXVII, n. 1297, 25 de março de 1966, p.18.

¹¹⁷ _____. **Encuesta: El papel de los intelectuales en la liberación nacional**, p.18.

¹¹⁸ _____. **Encuesta: El papel de los intelectuales en la liberación nacional**, p.18

¹¹⁹ OTERO. **Encuesta: El papel de los intelectuales en la liberación nacional**, p. 20.



contribuir para a produção historiográfica acerca da Conferência e seus desdobramentos, experimentando com distintos jogos de escalas espaciais e temporais, com o objetivo de ampliar a compreensão das complexidades desse evento. Os desafios encontrados pela escritura do presente artigo não são, em todo, distintos daqueles enfrentados pelos participantes da Conferência Tricontinental. Inseridos em um processo de internacionalização das lutas e globalização dos capitais, também as mulheres e homens citados aqui foram forçados a produzir leituras que permitissem operar com múltiplas escalas temporais e espaciais; auxiliassem a navegar os caminhos das esquerdas e do anti-imperialismo; as contradições e limites da atuação em uma Conferência de tamanha magnitude. Esses são alguns dos dilemas enfrentados em *Marcha*, publicação que encerra sua cobertura sobre a Tricontinental reiterando que o “enfrentamento de pontos de vista”¹²⁰ é inegavelmente difícil, fecundo e positivo para uma possível unidade entre as esquerdas.

¹²⁰ MARCHA. En busca de un camino. *Marcha*, ano XXVII, n. 1299, 15 de abril de 1966, p. 5.